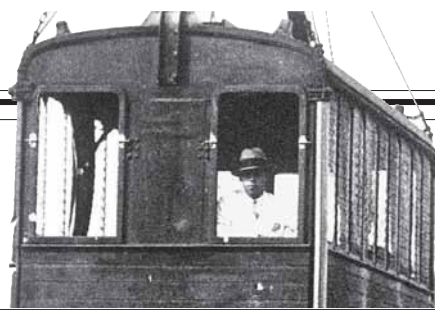


HABITAT A VIDA NAS CIDADES



CELEBRIDADES MORRO ACIMA
O passeio no bondinho já foi feito por Albert Einstein, John Kennedy e João Paulo II. A construção começou em 1911. Alpinistas levavam equipamentos de 4 toneladas ao topo do morro.

Aos 100 anos, bondinho enfrenta desafio

Teleférico do Pão de Açúcar precisa modernizar seu sistema de venda de ingressos e reformar as instalações para atender o aumento de turistas

Antonio Pita / RIO

Icone brasileiro reconhecido em todo o mundo, o bondinho do Pão de Açúcar, na zona sul do Rio, completa 100 anos no sábado. Com 40 milhões de visitantes e título de patrimônio da humanidade pela Unesco, o monumento inicia as comemorações de olho no período mais difícil de seu centenário – o calendário de grandes eventos da cidade e o incremento no fluxo de turistas dos próximos quatro anos.

A expectativa é de aumento anual de 10% no número de visitantes, o que representará, em 2016, mais de 2 milhões de pessoas. Após a Olimpíada, a Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar, que administra a concessão do sistema, projeta crescimento ainda maior e status semelhante ao dos mais visitados monumentos do mundo.

A comparação pelos números já equipara o bondinho ao conjunto arquitetônico de Alhambra, no sul da Espanha. Mas as semelhanças param por aí. Na Alhambra, é possível comprar bilhetes com antecedência, pela internet, com dia e hora previamente agendados. No bondinho, a bilheteria e o acesso ao passeio são os principais gargalos enfrentados pelos turistas.

Um sistema semelhante ao espanhol deve ser inaugurado em dezembro, mas hoje apenas oito bilheterias atendem



Nas alturas. Paisagem deslumbrante encanta os turistas, mas muitos se queixam dos preços do ingresso e dos produtos

Cristo Redentor luta contra gargalo

● Com média anual de 820 mil visitantes, a principal atração turística do Rio, o Corcovado, não conseguirá realizar investimentos para melhorar o serviço aos turistas que chegarão para os grandes eventos.

A preocupação da empresa

responsável pelo trem de acesso ao Cristo Redentor hoje é a Jornada Mundial da Juventude, encontro de jovens católicos em 2013. “Vai ser um caos, mas vamos tentar minimizar”, disse o diretor da empresa Sávio Neves. Para facilitar o acesso ao serviço, já há venda pela internet. O transporte por vans será expandido, apesar da resistência dos moradores do Cosme Velho.

o fluxo de 4,5 mil visitantes por dia na alta estação, o que causa filas e queixas entre turistas e moradores do entorno. O fluxo, que se concentra no fim da manhã e da tarde, é de 80 viagens diárias, cada uma com 65 passageiros. Em 2016, o número de viagens do teleférico saltará para mais de 200, com 7,5 mil visitantes. O máximo que o sistema comporta são 13 mil pessoas.

“Ainda temos a capacidade teórica de crescimento em 30% do público. Digo teórica pois as

pessoas não chegam distribuídas ao longo do dia. Vamos incentivar, com descontos, a vinda em horários ociosos, para a gente não estrangular o sistema”, explica Maria Ercília Leite de Castro, presidente da Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar.

Prazos. Além da mudança no sistema operacional, o grupo planeja investir R\$ 4 milhões em uma grande reforma das instalações – com teto solar nas estações, mudanças no auditório, pi-

sos, lanchonetes e sanitários. Mas a empresa admite que não conseguirá realizar as reformas a tempo da Copa de 2014. Como o conjunto paisagístico do Pão de Açúcar é tombado, o projeto de reforma precisa passar por avaliação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que ainda não liberou as intervenções.

“Já perdemos o timing para a Copa. A gente vai fazer uma reforma de peso nas estações até a Olimpíada”, afirma Maria Ercília. Hoje, apenas quatro lanchonetes atendem o público – três no Morro da Urca, a segunda estação, e uma no Pão de Açúcar.

Além da necessidade de modernização, o grupo também é criticado pelos preços dos serviços, principalmente pelos turistas brasileiros. Hoje, eles representam 70% dos visitantes e foram os responsáveis, nos últimos dez anos, pelo crescimento de mais de 270% na visitação ao monumento. Os ingressos para o passeio de teleférico custam R\$ 53 e uma lata de refrigerante, R\$ 7. Nas lojas de souvenir, uma sandália chega a R\$ 150.

“Este é um dos maiores símbolos da cidade, algo que todo mundo quer conhecer, mas a gente não tem condição de pagar. Tudo é muito caro, voltado para o turista de fora”, reclama a estudante carioca Ana Carolina da Silva, de 17 anos, que foi ao bondinho pela primeira vez na última semana em visita escolar.

Rio tenta recuperar fonte de ferro de 1870

Prefeitura tenta provar que peça identificada por um leiloeiro há 11 anos é a mesma que sumiu da Cinelândia

Felipe Werneck / RIO

A prefeitura do Rio está há 11 anos tentando reaver uma fonte de ferro fundido criada no fim do século 19 pelo escultor francês Charles-Auguste Lebourg e importada durante a gestão do prefeito Francisco Pereira Passos (1902-1906), responsável pela reforma que transformou a então capital federal. A peça sumiu da Cinelândia, seu local original, e foi identificada em 2001 por um leiloeiro, que entrou em contato com a prefeitura.

“Em tese, ela foi roubada”, diz a gerente de Monumentos e Chafarizes da secretaria, Vera Dias. Ela reconhece que será difícil retomar a obra apenas com informações históricas – não há número ou outro tipo de identificação, apenas o tipo de metal. Na época, foi aberto um processo administrativo. Onze anos depois, a prefeitura continua “buscando e reunindo documentação histórica para comprovar a propriedade da peça e retomá-la”.

Atualmente, o processo está na Secretaria Municipal de Fazenda. A reportagem pediu o nome

da pessoa que afirma ser dona da fonte, mas a pasta alegou que o caso está sob sigilo.

Segundo Vera, outras três fontes idênticas importadas na mesma época serão restauradas – elas continuam em locais públicos. Nas esculturas, cariátides (suportes) representam quatro virtudes: bondade, simplicidade, caridade e sobriedade. Na cúpula, há detalhes em forma de escamas de dragão.

As peças são conhecidas como “Fontes Wallace” porque seu idealizador foi o filantropo inglês Richard Wallace – todas foram fundidas na década de 1870 pela Fundação Val d’Osne, na França. Jornais do início do século 20 indicam que foram importadas com fontes do mesmo tipo, mas Vera afirma que só há registro oficial das quatro.

As fontes remanescentes estão instaladas na Praça D. Romualdo, em Santa Cruz, na zona oeste do Rio, no Parque da Cidade, na Gávea, zona sul, e no Jardim dos Manacás, no Parque Nacional da Tijuca, zona norte.

Segundo Vera, elas serão restauradas até o fim do ano e a do Parque da Cidade deverá ser transferida para a Avenida Presidente Vargas, no centro.

Parque da Gávea. Uma das três Fontes Wallace que ainda restam na cidade